

MARTÔNIO & ESTHER, AMIGOS PARA SEMPRE.

Em janeiro de 1976, já incorporado ao Exército Brasileiro, em uma ordem unida ouvi de um dileto sargento uma afirmação que só aceitaria plenamente muito tempo depois.

Ele afirmou em alto e bom som: "Só a dor une". Estávamos no primeiro ciclo de transição do aprendizado que nos transformaria de cidadão civil em membro das Forças Armadas.

Essa é uma das coisas que não adianta tentar explicar, ou você teve a experiência ou simplesmente imagina o que seja isso. Dor, suor e sangue eram nosso cardápio diário.

Éramos 40 jovens na nossa Segunda Bateria do 10º GAC. Para esta narrativa, dentre os 39 artilheiros, vou pinçar o SD Martônio (José Martônio Pimenta Paz - 1957/2019).

Artilheiros são motorizados e de transporte, eu e Martônio fomos, com mais nove designados, para garagem de nossa Bateria. Passamos por treinamento específico e recebemos CNH C.

Minha beliche era ao lado da dele, e assim como todos os demais, dormíamos diariamente no alojamento. Podíamos chegar a qualquer hora, mas às seis horas tínhamos que já estar a postos.

A afinidade entre nós (os onze que realizavam suas atividades na garagem) era grande. Entre eu e Martônio, era maior ainda. Empatia e elos diversos nos deixaram mais próximos além do dia a dia da rotina militar.

Passaram rápido os dez meses de nossa obrigação cívica. Em 1978, reencontrei Martônio na UNIFOR já cursando também Administração de Empresas (hoje só Administração).

Como ele entrou antes de mim, não fizemos nenhuma cadeira juntos; nos encontrávamos nos corredores dos blocos G e H, que hoje já não mais existem naquela universidade.

Na época eu trabalhava como estagiário em uma construtora, e ele tomando conta de uma granja da família. Isso não nos possibilitava convívio social. Mesmo assim, em nossos rápidos encontros, ele me informou que quando formado iria residir e trabalhar em São Luís - MA.

Quis o destino que no início de 1984 eu tivesse uma oportunidade de trabalho que seria em Cuiabá - MT. Aos 26 anos teria que sair de minha zona de conforto e, mesmo recém-casado, aceitei de bate pronto. Antes teria que passar por um estágio de três meses em SLZ - MA.

Desembarquei na Ilha do Amor em uma chuvosa tarde de quarta-feira, em 25 de abril de 84.

Não me recordo como localizei Martônio, mas sei que o fiz naquela mesma primeira semana.

Aqueles três meses seriam uma oportunidade única para estar com meu dileto amigo, tendo em vista já transcorridos oito anos que estivemos juntos na caserna do EB.

Ele já estava integrado à cidade, trabalhando, com vários amigos, entre eles Marcílio Muniz e Fernando Fialho, ou seja, era o que eu precisava para o meu social nesses três meses.

Na décima segunda semana de minha chegada fizemos uma comemoração de minha despedida, já que o período de estágio estava chegando ao fim e eu já estava de mala pronta para assumir a gerência administrativa / financeira da regional da empresa baseada em Cuiabá.

Quando solicitei a meu diretor a emissão da passagem para meu novo destino, ele me informou que eu seria efetivado em São Luís mesmo e que eu providenciasse a minha mudança de Fortaleza para a capital do Maranhão. Ordem dada, ordem cumprida.

Os três meses iniciais se transformaram em três décadas vivendo e trabalhando em São Luís, o que me possibilitou conviver de perto e, entre outras coisas, acompanhar o casamento do Martônio com a Esther, o nascimento da Fernanda, Luiza e do Victor, seus belos filhos.

Nestes dias, está muito presente em meus pensamentos e sentimentos a afirmação que "Só a dor une", infelizmente vou ter que mais uma vez concordar com a mesma.

Dileto amigo Martônio e Esther, sua outra metade, saibam que passados 43 anos, nossas histórias não acabaram, nossas estradas da vida passaram para um outro plano, mas seguimos juntos, não na dor que em 1976 nos uniu, mais no amor que tenho por vocês.

Por: ADM. JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA FILHO CRA 296 MA